

# A geopolítica, da Alemanha nacional-socialista à América Latina: os casos da Argentina e do Brasil\*

Mario G. Losano\*\*

RESUMO. O artigo trata de três assuntos: a) as origens alemãs da geopolítica (em particular, a teoria dos "Grandes Espaços" de Karl Haushofer) e sua extensão na América do Sul, sobretudo na Argentina, no período das ditaduras européias, até o final da Segunda Guerra Mundial; b) os planos geopolíticos da Argentina na América do Sul (com particular atenção à sua expansão no Brasil meridional) até o final da Segunda Guerra Mundial; c) a geopolítica e os geopolíticos da ditadura militar brasileira e a "reabilitação" da geopolítica depois dos anos Setenta-Oitenta.

*Palavras-chave:* Geopolítica. Nazismo. Ditadura militar.

## 1 - As raízes alemãs da geopolítica

Este texto se propõe a ilustrar sinteticamente a circulação das idéias geopolíticas da Europa à América do

---

\* Texto apresentado como comunicação no XIV Congresso Internacional AHILA 2005, *Europa-América: Paralelismos en la distancia*, Universidad Jaume I, Castellón (Espanha), 20 a 24 de setembro de 2005, Simpósio 5: *Ideas, intelectuales y paradigmas ideológicos europeos en América Latina, 1850-2000*. Texto traduzido do italiano pela Profa. Marcela Varejão, da UFPB e da UFPE; Doutora em Sociologia do Direito pela Università degli Studi di Milano, Itália.

\*\* Professor visitante da Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da UFPB. Professor titular de Filosofia do Direito e Informática Jurídica na Università del Piemonte Orientale "Amedeo Avogadro" (Itália); Prêmio Alexander-von-Humboldt, Bonn, Alemanha; Doutor *honoris causa* da Universidade de Hannover, Alemanha.

Sul, com particular referência à Argentina e ao Brasil<sup>1</sup>. Ainda que a geopolítica como paradigma ideológico tenha recebido seu nome apenas no século XIX, as aspirações geopolíticas das grandes potências existiam já desde séculos. Noções vagas como "Estado nacional", "Hispanidad", ou Pan-eslavismo (e todos os outros "pan-movimentos") identificam esferas de influência que plasmavam a política exterior de um Estado; a geopolítica, para usar a expressão de Henry Kissinger, "developed a rationale for it"<sup>2</sup>, ou seja, oferecia uma explicação racional para certas políticas exteriores animadas pela vontade de potência; a estratégia militar, enfim, "aplicava" aqueles paradigmas ideológicos e aquelas racionalizações geopolíticas, procurando transformá-las em situações de

---

<sup>1</sup> Os temas mencionados no texto estão tratados de forma mais extensa nas minhas seguintes publicações: *La geopolitica nazionalsocialista e il diritto dei "grandi spazi"*, "Materiali per una storia della cultura giuridica", XXXV, 2005, n. 1, p. 5-63; *La teoria nazionalsocialista dei "grandi spazi" dall'Europa al Giappone*, Associazione Italiana per gli Studi Giapponesi. Atti del XXVIII Convegno di Studi sul Giappone. Milano, 16-18 settembre 2004, Cartotecnica Veneziana, Venezia 2004, p. 115-130; *Diritto e potere: la geopolitica brasiliana negli anni del governo militare (1964-1984)*, em Heleno Taveira TÔRRES (Coordenador), *Direito e poder nas instituições e nos valores do público e do privado contemporâneos. Estudos em homenagem a Nelson Saldanha*, Manole, Barueri (São Paulo, Brasil) 2005, p. 64-104; *Um recente livro brasileiro sobre as tensões entre Brasil e Argentina na época das ditaduras européias*, "Política Externa" (São Paulo), XIII, 2005, n. 4, p. 71-81, completado por uma breve nota no fascículo sucessivo: *Dois esclarecimentos sobre o volume de Sergio Corrêa da Costa*, "Política Externa" (São Paulo), XIV, 2005, n. 2, p. 113-115.

<sup>2</sup> Henry KISSINGER usa esta expressão a propósito do geopolítico norte-americano (teórico da potência naval dos Estados Unidos) Alfred Thayer MAHAN: *Diplomacy*, Simon & Schuster, New York 1994, p. 38.

fato (mas freqüentemente usando-as para justificar *ex post* as próprias ações de conquista).

A geopolítica agrada os generais, independentemente de sua nacionalidade. As idéias do general alemão Karl Haushofer foram recebidas na América do Sul, na qual a geopolítica circulou intensamente: a *Geopolítica del Cono Sur* do general argentino Juan Enrique Guglielmelli faz parte de uma "Colección Geopolítica" que compreende em tradução espanhola a *Geopolítica de Brasil*, do general Golbery de Couto e Silva, *El expansionismo brasileño*, de P. Schilling, a *Proyección continental de Brasil*, do general Mario Travassos, e a *Geopolítica de Chile*, do general Augusto Pinochet Ugarte. Mas antes de tratar destes autores contemporâneos, é oportuno realizar um passo para trás.

A partir do final do século XIX, nos estudos de geografia da área alemã já estavam presentes os conceitos que, em seguida, caracterizaram a geopolítica do nacional-socialismo e que por este último foram aplicadas à América do Sul, como será visto mais adiante. Tais idéias ainda oitocentescas foram, porém, revitalizadas e impregnadas com um forte conteúdo emotivo pelas mutilações territoriais impostas à Alemanha com o Tratado de *Versailles*, ao final da Primeira Guerra Mundial. Em seguida, com o nacional-socialismo, fundiram-se numa doutrina política unitária (que se apresentava, todavia, como fundamentada na ciência), para justificar e explicar as agressivas expansões territoriais, inicialmente da Alemanha, depois, dos seus aliados, Itália e Japão.

Entre os séculos XIX e XX, a geopolítica conta com três precursores, que retornam também em quase todos os escritos sul-americanos de geopolítica. O primeiro é o alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), que nos seus

primeiros escritos não mencionava ainda a “geopolítica”, mas sim a “geografia política”: este é o título de seu livro de 1897<sup>3</sup>, no qual recorre pela primeira vez o termo 'Lebensraum' (espaço vital), elaborado depois cientificamente na sua obra de 1901<sup>4</sup>. O espaço vital é a área na qual pode desenvolver-se um ser vivo, planta, animal, ou homem. O ponto de partida de Ratzel é, assim, a geografia botânica e zoológica; porém, nas suas obras a luta pelo espaço que garante a sobrevivência é descrita também com referência às grandes batalhas da história.

Desde 1896 Ratzel indicava na guerra o instrumento natural para a conquista do espaço vital<sup>5</sup>. Na sua teoria, fica assim clara a influência do darwinismo social. Semelhante visão do mundo faz dele um consciente teórico do imperialismo europeu e, através da mediação de seu aluno Haushofer (do qual o texto se ocupará a seguir), um involuntário precursor do nacional-socialismo.

Também o sueco Rudolf Kjellén (1864-1922) contribuiu para a afirmação da geopolítica, na qual ingressou quando o debate sobre a eventual dissolução da

---

<sup>3</sup> Friedrich RATZEL, *Politische Geographie*, Oldenbourg, München 1897, XX-715 p.; a idéia da guerra está presente no subtítulo da segunda edição de 1903: *Politische Geographie, oder die Geographie der Staaten, des Verkehrs und des Krieges*, Oldenbourg, München 1903, XVIII-838 p. (3a ed: 1923); id., *Der Staat und sein Boden geographisch betrachtet*, Hirzel, Leipzig 1896, 127 p.

<sup>4</sup> Friedrich RATZEL, *Der Lebensraum. Eine biogeographische Studie*, em: *Festgabe für Albert Schöffle*, Laupp, Tübingen 1901, p. 103-189; ainda: *Der Lebensraum. Eine biogeographische Studie*, Laupp, Tübingen 1901, 87 p.

<sup>5</sup> Friedrich RATZEL, *Die Gesetze des räumlichen Wachstums der Staaten*, "Petermanns Geographische Mitteilungen", 1892, p. 97-107.

união entre Suécia e Noruega levou-o a estudar a natureza do Estado. Kjellén sofreu a influência da visão biológica e social-darwinística de Ratzel, concebendo o Estado como um organismo biológico que se rege segundo leis naturais e se enraíza no seu território. Na geopolítica, a importância de Kjellén consiste sobretudo em ter sistematizado as idéias expostas por Ratzel. Porém, suas erradas previsões sobre o êxito na Primeira Guerra Mundial e sua morte em 1922 determinaram o final da sua influência sobre a política sueca, endereçada, em seguida, para uma visão pacífica e neutra das relações internacionais<sup>6</sup>.

Enfim, as concepções sobre a estrutura geopolítica da Europa do célebre geógrafo e político inglês Halford J. Mackinder (1861-1947) influenciaram fortemente o pensamento de Haushofer, levando-o a afirmar a necessidade de um acordo continental da Alemanha com a URSS, até o momento em que a declaração de guerra da Alemanha contra aquele Estado pôs um fim nos seus projetos. A relação de Haushofer com as teorias de Mackinder é bem diversa daquela vista nas teorias de Ratzel e Kjellén: o alemão e o sueco eram para ele uma fonte de inspiração e admiração, enquanto o inglês - ao qual Haushofer não deixa de tributar o máximo

---

<sup>6</sup> Os livros que tornaram Rudolf KJELLÉN famoso na Alemanha são: *Die Großmächte vor und nach dem Weltkriege*, Teubner, Berlin 1930, 348 p. (esta é a vigésima segunda edição da obra publicada em 1914); *Die Ideen von 1914. Eine weltgeschichtliche Perspektive*, Hirzel, Leipzig 1915, 46 p.; *Grundriß zu einem System der Politik*, Hirzel, Leipzig 1920, 106 p.; *Der Staat als Lebensform*, Hirzel, Leipzig 1917, VIII-236 p. (4a ed.: 1924). Sobre o vínculo com a Alemanha: *Warum ich es mit Deutschland in diesem Weltkriege halte?*, Curtius, Berlin [1914?], 43 p.; e sobretudo KJELLÉN - HAUSHOFER, *Macht und Erde*, Teubner, Leipzig - Berlin 1930-34, 3 vols.

reconhecimento cultural - restava sempre o inimigo: o inimigo com o qual é necessário aprender, para melhor combatê-lo. Por isso, o futuro declínio da potência naval inglesa, temido por Mackinder, transformou-se, para Haushofer, num projeto político a ser realizado contra a Grã-Bretanha: o projeto de afirmação da potência terrestre na Europa central, "the geographical pivot of history", que Mackinder identificava com a Eurásia, da Alemanha à Rússia.

As propostas dos três precursores da geopolítica confluem no pensamento de Karl Haushofer, do qual ora é oportuno examinar tanto a discutida figura, quanto a indiscutível influência no mundo científico e político alemão da primeira metade dos Novecentos.

Com Karl Haushofer (1869-1946) - general bavarês e, depois, professor: uma das figuras mais enigmáticas e, talvez, uma das eminências pardas mais importantes do século XX - a geopolítica sai do âmbito das reflexões políticas ou acadêmicas, para tornar-se uma teoria que guia ou justifica a ação política. Para Haushofer, mesmo unido por laços pessoais ou por estreitos vínculos culturais aos dois precursores da geopolítica, Ratzel e Kjellén, a geopolítica é, de fato, uma "ciência aplicada": ou seja, aplicada pelos políticos.

Dois eventos influíram de modo decisivo para a formação de Karl Haushofer.

No plano científico, sua missão militar no Japão (1908-1910) determinou seu interesse pela geopolítica e forneceu-lhe um modelo ideal de Estado autoritário sobre o qual plasmar a Alemanha. No plano político, desde 1919-20, foi ligado por estreita amizade a Rudolf Heß, o "vice" de Hitler, com cuja sorte, indissolavelmente - e tragicamente - viriam a interseccionar-se as vidas de Karl

Haushofer e de seu filho Albrecht (1903-1945), também ele geopolítico.

O tratado de *Versailles* privava a Alemanha de uma parte do território essencial para a sua sobrevivência como grande potência. O debate sobre o "espaço vital" tornou-se, então, politicamente central e, nele, a "geopolítica" assumia um peso crescente, até apresentar-se como a pedra angular da ideologia oficial no Estado nacional-socialista. Tem origem em Haushofer a teoria dos "grandes espaços", usada para justificar as agressões alemãs, italianas e japonesas contra os Estados vizinhos. Tal teoria inspirou também o "novo direito internacional" teorizado por Carl Schmitt, o mais importante jurista da época nacional-socialista, cujo pensamento está vivendo uma intensa reavaliação nos últimos anos.

Sobre a complexa e ainda obscura questão das relações e das recíprocas influências entre Haushofer e o nacional-socialismo, o exilado escritor judeu Stefan Zweig (1881-1942), que conheceu Haushofer pessoalmente, exprimiu, ainda nos anos Quarenta, um juízo equilibrado:

Não vejo nele [...] uma demoníaca 'eminência parda' que ocultamente arquiteta os planos mais perigosos e os sugere ao Führer. *Mas não existe nenhuma dúvida de que, tenham sido exatamente suas teorias, muito mais do que as teorias dos mais tresloucados conselheiros de Hitler, conscientemente ou não, aquelas que transferiram a agressiva política do nacional-socialismo da esfera nacional àquela universal.* Somente o futuro poderá oferecer o exato peso histórico de sua figura, com base numa documentação melhor do que aquela da qual dispomos nós contemporâneos<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Stefan ZWEIG, *Die Welt von gestern. Erinnerung eines Europäers*, Suhrkamp, Frankfurt 1947, 500 p.; também Wien 1952, p. 176 (itálico)

Hoje, alguns documentos vieram à luz e a influência também pessoal de Haushofer sobre o nacional-socialismo pode ser considerada demonstrada ao menos em suas linhas principais. Um recente e documentado estudo, escrito pelo padre jesuíta Bruno Hipler, intitula-se significativamente *O mestre de Hitler: Karl Haushofer como pai da ideologia nacional-socialista*<sup>8</sup>.

Em conclusão, Haushofer foi uma eminência parda do nazismo, mas não participou diretamente dos seus crimes de guerra: por isso, foi preso pelos aliados, que, porém, renunciaram a julgá-lo em Nuremberg. No que se refere à América do Sul, como veremos, ele foi responsável pelas associações que mantinham os contatos com os alemães no exterior, respondendo diretamente a Hess (o *alter ego* de Hitler, até o seu nunca esclarecido vôo para a Inglaterra em 1941). Assim, também a visão do “grande espaço” sul-americano sob a hegemonia argentina está diretamente inspirada nas idéias geopolíticas de Haushofer.

## **2 - A geopolítica, da Europa das ditaduras à América do Sul**

A geopolítica de Haushofer serviu como justificação “científica” para a conquista da Europa oriental por parte da Alemanha, para a formação da “Greater East-Asia Co-Prosperity Sphere”, que levou o

---

meu); mas originariamente publicado em Estocolmo (Fischer, 1944, 394 p.).

<sup>8</sup> Bruno HIPLER, *Hitlers Lehrmeister: Karl Haushofer als Vater der NS-Ideologie*, EOS (Erzabtei St. Ottilien), St. Ottilien 1996, 240 p.



Japão às portas da Índia britânica, e para a busca por "um lugar ao sol" africano, por parte da Itália, que foi, porém, a mais reticente partidária da geopolítica entre os Estados do Eixo. Outrossim, a geopolítica nacional-socialista influenciou diretamente a política exterior da Argentina e do Brasil. O recente livro do diplomata brasileiro Sergio Corrêa da Costa (1919-2005), dedicado à penetração nacional-socialista na América do Sul e, em especial na Argentina<sup>9</sup>, pode ser lido também como um perfeito manual de geopolítica aplicada. Se os precursores destes estudos ofereciam uma visão da geopolítica *in the books*, com o nacional-socialismo enfrenta-se a geopolítica *in action*.

Sergio Corrêa da Costa analisa a "guerra secreta" que a Alemanha nazista conduzia para poder usar as minorias alemãs na Argentina e no Sul do Brasil como "quinta coluna", para apoderar-se de toda a América do Sul. Efetivamente, nos anos Trinta, a Alemanha nacional-socialista estava realizando dois planos estratégicos, um mais antigo e teórico, outro mais imediato e militar.

*O plano mais antigo e teórico* afundava suas raízes no nacionalismo alemão, no Pangermanismo e na geopolítica alemã, ou seja, numa série de ideologias que remontavam ao final dos Oitocentos e ao imperialismo guilhermino, as quais pregavam a unificação de todas as minorias alemãs. Tais visões, aplicadas à América do Sul, estão sintetizadas num mapa do início dos Novecentos que representa "A América do Sul em 1950" e que reflete, não a situação geográfica do início do século XIX, mas os desejos do

---

<sup>9</sup> Sergio Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta. Nazismo na América: A conexão argentina*, Record, São Paulo – Rio de Janeiro 2004, 530 p. As páginas mencionadas neste item e não acompanhadas de outra indicação referem-se ao volume mencionado.

autor que o publicou em 1911: era, assim, a previsão para um nosso futuro que passou. Nesse mapa, a América do Sul estava dividida em três grandes áreas: os "Estados Unidos da América do Norte" desceriam, até ocupar boa parte da Colômbia e da Venezuela; a "América do Sul inglesa" ocuparia o centro do Brasil, o Peru, o Equador e uma parte da Bolívia; enfim, a "América do Sul alemã" (exatamente assim: "Deutsch Südamerika") compreenderia Chile, Argentina, a outra parte da Bolívia e todo o Brasil meridional. O autor do mapa, Otto Richard Tanneberg, não tem dúvidas: "A Alemanha tomará sob sua proteção a Argentina, o Chile, o Uruguai, o terço meridional da Bolívia, por integrar a Bacia do Rio da Prata, e a parte meridional do Brasil, onde reina a cultura alemã"<sup>10</sup>.

*O plano mais imediato e militar*, ligado à guerra de expansão da Alemanha nazista, previa a criação daqueles que, vez por vez, eram chamados, na Alemanha, de "Estados Unidos da América do Sul". Esse futuro Estado vassalo do Terceiro Reich representava uma natural expansão do "espaço vital alemão", ao qual endereçar o excesso de população da metrópole: essa era de fato a justificativa utilizada pelo nacional-socialismo para seus objetivos territoriais, em detrimento dos outros Estados, não apenas sul-americanos. A criação desse Estado vassalo tinha, porém, uma função estratégica na condução da guerra: um forte aliado alemão na América do Sul teria distraído os Estados Unidos da América do envio de ajuda ao aliado inglês na guerra na Europa, constringendo-os a pensar nos problemas do seu "quintal de casa".

---

<sup>10</sup> O mapa descrito no texto está na p. 207 e foi pinçado de uma típica obra nacionalista: Otto Richard TANNEBERG, *Gross-Deutschland. Die Arbeit des 20. Jahrhunderts*, Volger, Leipzig-Gohlis 1911, do qual é extraída também a citação mencionada no texto (p. 206).

Nessa estratégia do Terceiro Reich para com a América do Sul inscreve-se um dos pontos de maior interesse do volume: o caso da carta geopolítica nazista sobre o futuro desenho da América do Sul, após a vitória da Alemanha nazista e dos seus aliados do Eixo<sup>11</sup>. O título em alemão indica que se trata do mapa da "Rede das linhas aéreas dos Estados Unidos da América do Sul". Sobre o conteúdo e a importância desse mapa, à época secretíssimo, convém deixar a palavra a Sergio Corrêa da Costa:

O mapa mostrava a redistribuição territorial da América do Sul a ser imposta pela Alemanha depois da vitória. O subcontinente seria reduzido a apenas quatro países e uma colônia, todos sob proteção alemã, a saber: 1. Brasil; 2. Argentina, que absorveria o Uruguai, Paraguai, toda a parte baixa da Bolívia e um corredor ao Pacífico na altura de Antofagasta; com isso, nosso vizinho se adentrava no continente como um verdadeiro braço em direção à Amazônia, indo além da altura de Corumbá; 3. Chile, incluindo o restante do Peru e da Bolívia; 4. Nova Espanha, formada pela Colômbia, Venezuela e Equador, mais o Panamá e mais a zona do canal; 5. as três Guianas unificadas como colônia francesa. A Argentina, portanto, além de reconstituir as fronteiras do vice-reinado do Prata, decepta uma faixa de Chile e assegura a Buenos Aires a almejada saída para o Pacífico [...]<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> A carta está reproduzida em Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta*, cit., p. 290.

<sup>12</sup> Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta*, cit., p. 289.

A descoberta desse mapa ultrasecreto - dele existiam dois exemplares, um com Hitler, outro com o embaixador alemão em Buenos Aires - teve repercussões também nos Estados Unidos, porque a referência ao canal do Panamá coloca em perigo os interesses daquele Estado e, assim, aciona o mecanismo da Doutrina Monroe.

Mostrado [*i.e.*: o mapa] ao Presidente Roosevelt, foi por ele citado em discurso irradiado em 27 de outubro de 1941. Depois de evocar reiteradas declarações de Hitler de que suas ambições não se estendiam além-Atlântico, assinalou: "São hoje 14 os países nessa área [...], pois os peritos geógrafos de Berlim obliteraram brutalmente todas as linhas divisórias para reduzir a América do Sul a cinco Estados vassallos, todos sob dominação alemã [...] e o fizeram de forma a que um deles incluísse a República do Panamá [...]. O mapa deixa claro que os desígnios nazistas não são apenas contra a América do Sul, porém igualmente contra os Estados Unidos"<sup>13</sup>.

Por outro lado, os Estados Unidos estavam conscientes de tais ambições alemãs com relação à América do Sul. Em 1914, Roosevelt escrevia, efetivamente: "Do you not believe that if Germany won in this war, smashed the English Fleet and destroyed the British Empire, within a year or two she would insist upon taking the dominant position in South and Central America?"<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta*, cit., p. 291.

<sup>14</sup> Theodore Roosevelt a Hugo Munsterberg, 3 de outubro de 1914, em Elting E. MORISON (ed.), *The Letters of Theodore Roosevelt*, Harvard

Veza que a geopolítica inspirada por Haushofer teve repercussões clamorosas também na Argentina e no Brasil, Haushofer não podia faltar no livro de Sergio Corrêa da Costa, que o recorda como animador de numerosas associações, fundadas já antes do nazismo, para manter os contatos com os alemães no exterior.

Todavia, a importância de Haushofer foi muito exagerada durante a guerra. Por exemplo, o "Reader's Digest" descreve seu (inexistente) "Instituto de Geopolítica" na Universidade de Munique como uma central com milhares de colaboradores. Ao invés, em Munique realmente existira, sob a direção de Haushofer, uma "Deutsche Akademie" que se ocupava da "germanicidade" (Deutschtum) e das relações culturais não oficiais com o exterior. Fundada em 1925, foi dissolvida em 1945. Ela praticava estudos alemães de alto nível, mas possuía também uma "Seção prática" (Praktische Abteilung) que se dedicava ao ensino do alemão como língua estrangeira. A herança desta seção foi recolhida em 1961 pelo atual "Goethe-Institut", por sua vez fundado em 1932, dissolvido no pós-guerra e reconstituído em 1952. A Academia mesma, no entanto, não foi reconstituída e hoje, de fato, encontra-se quase esquecida.

Sergio Corrêa da Costa recorda ainda um "Verein für das Deutschtum im Ausland" (Associação para o Germanismo no Exterior, VDA), que assumira este nome em 1908, mas existia desde 1880, como associação gestora das escolas alemãs no exterior. Tal associação conheceu grande expansão com o nacional-socialismo e por isso os

---

University Press, Cambridge (Mass.) 1954, p. 823, citado em Henry KISSINGER, *Diplomacy*, Simon & Schuster, New York 1994, p. 42.

Aliados proibiram-na em 1945. Foi reconstituída, porém, em 1955 e – assumindo uma posição política de extrema direita – ocupou-se ativamente, no início, dos alemães expulsos e refugiados; e após 1989, dos “alemães do Volga”. Apoiada pelos governos alemães, mas envolvida em escândalos financeiros, tal associação “expôs a si mesma negativamente pelas suas ligações com as ditaduras militares e com os ambientes de extrema direita e neofascistas. Foram objeto de crítica sobretudo suas relações com a junta militar chilena”<sup>15</sup>.

Os planos geopolíticos atingiram, assim, um nível paroxístico durante a época nacional-socialista, mas, como foi visto, existiam de forma menos virulenta tanto antes quanto depois das ditaduras européias dos anos Trinta.

### **3 – Os geopolíticos brasileiros**

É a mesma dimensão subcontinental do Brasil que obriga sempre, de fato, a pensar em termos geopolíticos. Assim o fizeram os portugueses a partir da expansão colonial, para além da linha traçada pelo Tratado de Tordesilhas e para além dos espaços estabelecidos pelo Tratado de Madri de 1751. Assim continuaram os brasileiros após a independência, quando da metade dos Oitocentos ao início dos Novecentos estenderam o próprio território às custas dos países confinantes. Ainda na primeira parte dos Oitocentos, a área disputada era sobretudo ao Sul, fronteira com as ex-colônias espanholas; depois, com o final daquele século, o interesse mundial

---

<sup>15</sup> IDGR – *Lexikon Rechtsextremismus*, na rubrica: *Verein für das Deutschtum im Ausland* no site: [http://lexikon.idgr.de/v/v\\_e/verein-fuer-das-deutschtum-im-ausland/vda.php](http://lexikon.idgr.de/v/v_e/verein-fuer-das-deutschtum-im-ausland/vda.php), consultado em 17 fevereiro de 2005.

pela borracha deslocou a atenção internacional para a Amazônia<sup>16</sup>. Aquele enorme e despovoado território impunha com força o problema da segurança nacional (para dele evitar a ocupação pelos Estados fronteiriços) e da sua integração no tecido brasileiro: tema recorrente até os dias atuais<sup>17</sup>, ainda que a demanda de borracha natural tenha sido muito reduzida.

Partindo destes problemas, a geopolítica brasileira iniciou como ciência nos primeiros anos do século XX, com Everardo Backheuser, Carlos Delgado de Carvalho e Mário Travassos, que foram não somente geógrafos, como também pedagogos: destes precursores ocupar-nos-emos brevemente a seguir. Eles, por sua vez, influenciaram os teóricos do regime militar (1964-1985), que tinham como ponto de referência a Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro: nossa atenção será concentrada nos generais Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva.

a) Entre os *precursores da geopolítica brasileira*, a figura mais relevante é sem dúvida Everardo Backheuser (1879-1951), que se colocou na tradição alemã da geopolítica clássica, seguindo os ensinamentos do alemão Friedrich Ratzel e do sueco Rudolf Kjellén, considerados também na Europa os precursores da geopolítica. Com a Europa, Backheuser manteve vínculos científicos diretos<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Para uma análise do mercado mundial naqueles anos, cf. Alfred VAGST, "Kautchuk-Politik", *Zeitschrift für Geopolitik*, III, 1926, p. 631-649. A revista é organizada por Karl Haushofer: este particular deve ser considerado na interpretação da linha política do artigo.

<sup>17</sup> Wanderley Messias da COSTA, *O Estado e as políticas territoriais no Brasil*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo 1988, 83 p.

<sup>18</sup> Veja-se, por exemplo, a sua conferência *Brasilio. Farito de la Societo de geografio en Parizo*, Hachette, Paris 1909, 26 p. (em esperanto); o artigo

Um escrito de Backheuser<sup>19</sup> - “que difundiu no Brasil a geopolítica alemã”<sup>20</sup> - foi publicado na revista alemã de geopolítica editada por Karl Haushofer. Na sua longa vida (que ele mesmo em parte narrou<sup>21</sup>), interessou-se também pela Amazônia e, enfim, exerceu uma influência determinante sobre os militares: a eles se deve a publicação dos seus escritos nos anos Cinquenta<sup>22</sup>.

Também a formação de Carlos Delgado de Carvalho (1884-1980) está ligada à Europa e, em especial, à escola francesa do geógrafo francês Paul Vidal de la Blanche (1845-1918), cujo método interdisciplinar e culturalista tornou-o, na época, o estudioso francês mais

---

*Die neue Auffassung der Erdkunde*, Halle a. d. Saale 1934, 8 p. (extrato da "Geographische Wochenschrift", 1934, n. 2).

<sup>19</sup> Everardo BACKHEUSER, *Das politische Conglomerat Brasilien*, "Zeitschrift für Geopolitik", 3, 1926, p. 625-630.

<sup>20</sup> Lúcio CASTELO BRANCO, *Staat, Raum und Macht in Brasilien. Anmerkungen zu Genese und Struktur der brasilianischen Staats- und Großmachtideologie*, Finck, München 1983, p. 466, nota 7. Importante, ainda que a bibliografia seja heterogênea: p. 493-552.

<sup>21</sup> Everardo BACKHEUSER, *Minha terra e minha vida*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro 1942, XII-208 p.

<sup>22</sup> Everardo BACKHEUSER, *Problemas do Brasil: estrutura geopolítica. O espaço*, Omnia, Rio de Janeiro 1933, 173 p.; id., *O Barão do Rio Branco, geógrafo e geopolítico*, "Revista da Sociedade de Geografia" (Rio de Janeiro) 1946; id., *Curso de geopolítica geral e do Brasil*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1952, 275 p. Esta editora publicara ainda Lísias RODRIGUES, *Geopolítica do Brasil*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro (1947? não encontrado); Sydney M. G. dos SANTOS, *A cultura opulenta de Everardo Backheuser. Os conceitos e as leis básicas da geopolítica*, Empresa Carioca de Engenharia, Rio de Janeiro 1989, 493 p.



relevante neste campo, a ponto de, em seguida, os historiadores dos "Annales" considerarem-no um de seus precursores. Explica-se assim porque um dos mais importantes trabalhos de Delgado de Carvalho tenha sido publicado em francês<sup>23</sup>. Os estudos de Vidal de la Blanche imprimiram à escola francesa uma direção bem diversa daquela da geopolítica alemã<sup>24</sup>. Delgado de Carvalho, por sua vez, exercitou uma forte influência no mais representativo do geopolíticos militares, o general Golbery do Couto e Silva, mencionado a seguir.

Enquanto os dois precedentes autores eram civis, o general Mário Travassos (nascido em 1891) fazia parte da estrutura militar. Em suas obras, ele indica dois eixos de expansão do Brasil, um na direção da Bolívia, o outro ao longo do Rio Amazonas, sempre sublinhando a necessidade de popular as terras excessivamente despovoadas<sup>25</sup>. Também Backheuser associou-se a tal

---

<sup>23</sup> Carlos Delgado de CARVALHO, *Le Brésil méridional. Étude économique sur les États du Sud*, Desfosses, Paris – Rio de Janeiro 1910, 529 p.

<sup>24</sup> É indispensável recordar que a geopolítica européia atingiu seu ápice após 1918, quando o Tratado de Versailles retirou da Alemanha os territórios renanos, a Ruhr e suas colônias. Os geopolíticos alemães requeriam o retorno daquelas terras à Alemanha em nome do "Blut und Boden" e do "espaço vital"; a eles, Vidal de la Blanche (que no livro *La France de l'est*, de 1917, tratara da anexação de 1871 da Alsácia-Lorena à Alemanha) opôs a "géographie active" fundamentada no desenvolvimento histórico. Além disso, ele contrapunha profeticamente às pretensões hegemônicas alemãs sobre a Europa "une communauté européenne".

<sup>25</sup> Mário TRAVASSOS, *Projeção continental do Brasil*, Edição Brasileira, 1938 (trad. mexicana: *Proyección continental del Brasil*, El Cid, México 1978, 103 p.); id., *Introdução à geografia das comunicações brasileiras*, José Olympio, Rio de Janeiro 1942.

proposta. Nos anos Cinquenta, foram criados ao longo da fronteira os territórios federais, ou seja, diretamente controlados pelo governo central. Surgiram assim os territórios do Amapá e de Roraima, a Norte; Acre, Iguaçú, Ponta Porã e Rondônia a Oeste e Sudeste; também não foi esquecida a ilha – pequena, mas estratégica – de Fernando de Noronha.

As idéias de Mário Travassos passaram depois aos dois principais geopolíticos da época da ditadura militar, os generais Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva. Entre os anos Cinquenta e Setenta, os militares, partindo da dimensão subcontinental do Brasil e de seu desenvolvimento econômico, imaginaram uma sua influência também fora da América do Sul e uma sua posição de primeiro plano como aliado dos Estados Unidos na luta contra o comunismo. Ao mesmo tempo, adotaram medidas para reforçar a unidade do país e garantir a segurança das fronteiras<sup>26</sup>. Foi a época da construção de estradas e aeroportos militares, de gigantescas barragens para a produção de energia elétrica, de indústrias estrangeiras incentivadas a instalar-se no Brasil.

Tais medidas econômicas foram acompanhadas por uma dura repressão interna e tiveram também um alto custo social: por exemplo, os camponeses evacuados das terras cobertas por lagos artificiais foram deslocados a milhares de quilômetros de distância, muitas vezes sem infra-estruturas suficientes.

---

<sup>26</sup> José Alfredo do Amaral GURGEL, *Segurança e democracia: uma reflexão política*, José Olympio, Rio de Janeiro 1975, XII-185 p.; Joseph COMBLIN, *A ideologia da Segurança Nacional*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1980 (não encontrado).

Hoje o balanço daquelas medidas geopolíticas apresenta luzes e sombras. Algumas áreas decolaram, tornando-se os atuais Estados de Rondônia, Pará e Tocantins; os projetos estradais, contudo, foram realizados apenas em parte. Mas tarefa desse escrito não é tentar um balanço socioeconômico da geopolítica brasileira, mas apenas aquele de traçar deste setor as linhas de desenvolvimento e seus laços com os geopolíticos europeus.

b) *O general Carlos de Meira Mattos* (nascido em 1913) publicou a maior parte de seus trabalhos logo depois do golpe de Estado de 1964. Logo após, um primeiro grupo de seus escritos delineia a teoria que movera os militares na tomada do poder e que teria guiado seu exercício<sup>27</sup>. Alguns anos depois, consolidada a ditadura militar, sua produção se concentra em temas da geopolítica<sup>28</sup>. Respeito ao outro geopolítico da ditadura militar, o general Couto e Silva, Meira Mattos prestou

---

<sup>27</sup> Carlos de Meira MATTOS, *Pensamento revolucionário brasileiro, 1964* (não encontrado); id., *Doutrina e política da revolução de 31 de março de 64, 1967* (não encontrado); *Ensaio sobre a doutrina política da revolução*, SCSF, Brasília 1969, 15 p.; sua experiência como comandante da Brigada Latino-Americana da Força Interamericana de Paz na República Dominicana é descrita em *A experiência da FAIBRÁS na República Dominicana*, Serviço Gráfico do IBGE, Rio de Janeiro 1966, XIX-215 p.

<sup>28</sup> Carlos de Meira MATTOS, *A geopolítica e as projeções do Poder*, José Olympio, Rio de Janeiro 1977, 147 p.; id., *Brasil. Geopolítica e destino*, José Olympio, Rio de Janeiro 1975, XVII-109 p.; id., *Uma geopolítica pan-amazônica*, José Olympio - Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro - Brasília, 215 p. e as outras obras citadas nas notas seguintes. Cfr. ainda P. I. KELLY, *Geopolitical Themes in the Writings of General Carlos de Meira Mattos of Brazil*, "Journal of Latin American Studies", 16, 1984, p. 439-461.

maior atenção à realização das teorias do que à elaboração de grandes planos geopolíticos. Como militar operativo, é a ele que se deve, no momento da tomada do poder pelos militares, a ocupação e o fechamento do Congresso Federal brasileiro. Foi também um dos principais auxiliares do general e presidente Humberto de Alencar Castello Branco (1900-1967)<sup>29</sup>.

Em comum com Couto e Silva, resta o fato de terem participado, durante a Segunda guerra mundial, da força expedicionária brasileira que atuou na Itália ao lado dos estadunidenses, e também em comum possuem a docência na Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro. Meira Mattos, ademais, desenvolveu esta atividade didática também nos Estados Unidos, no Inter-American Defense College de Washington.

A presença destes dois eminentes geopolíticos fez da Escola Superior de Guerra o centro de tais estudos no Brasil<sup>30</sup>. Ainda que as escolas militares brasileiras tenham uma tradição secular, as origens desta escola são recentes. Os oficiais brasileiros que compuseram a Força expedicionária na Itália foram treinados no U.S. National War College, de Washington. Esse período lhes deixou uma impressão tão profunda e favorável que, com a assistência de militares americanos e franceses, fundaram

---

<sup>29</sup> Foi Meira Mattos quem organizou uma edição comemorativa, após a morte de Castello Branco em um incidente aéreo: *Castello Branco e a Revolução. Depoimentos de seus contemporâneos*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1994, 204 p.

<sup>30</sup> Sobre a ideologia inspiradora: Escola Superior de Guerra, *Manual Básico da Escola Superior de Guerra*, Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro 1976, 648 p.; Antonio de ARRUDA, *A doutrina da Escola Superior de Guerra*, "A Defesa Nacional", LXV, 1978, n. 679, p. 65-73.

em 1949 uma Escola análoga no Rio de Janeiro. Entre os fundadores da Escola encontramos o general Castello Branco, futuro Presidente após o golpe de 1964, e Everardo Backheuser, cujos sucessores naquela escola foram Couto e Silva e Meira Mattos.

A Escola Superior de Guerra distinguia-se do modelo americano até porque ali eram estudados os fatores políticos e diplomáticos que podiam condicionar a política da segurança nacional; mas, sobretudo, porque a instituição admitia também civis entre seus estudantes. Assim, a ideologia da Escola circulava numa elite brasileira, tanto militar, quanto civil: entre 1950 e 1967, cerca da metade dos diplomados na Escola eram civis<sup>31</sup>. Depois do golpe de Estado, os postos-chaves militares e civis foram quase completamente confiados a personalidades formadas na Escola Superior de Guerra<sup>32</sup>.

A política de Meira Mattos para o controle das áreas de fronteira visava realizar acordos com os países vizinhos, mas sempre sob a hegemonia brasileira. Nasceram assim os projetos conjuntos com a Argentina, o Uruguai e o Paraguai para a construção de centrais elétricas, barragens, estradas e portos. Com o “Tratado de cooperação para a Amazônia” de 1978, o Brasil reuniu os oito países interessados numa cooperação que estabilizaria a fronteira do Norte (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana,

---

<sup>31</sup> Alfred C. STEPAN, *The Military in Politics. Changing Patterns in Brazil*, Princeton University Press, Princeton (NJ) 1971, p. 176: de 1276 diplomados, 646 eram civis.

<sup>32</sup> Leonardo TREVISAN, *O pensamento militar brasileiro*, Global, São Paulo 1985, p. 55.

Peru, Suriname e Venezuela)<sup>33</sup>. Todavia, sua visão ia além das fronteiras brasileiras: ele imaginava um Brasil que unificasse a área que originariamente fora dos portugueses na América, na África e na Europa, e que contrastasse – ou até mesmo que em parte substituísse – a hegemonia dos Estados Unidos<sup>34</sup>.

c) *O general Golbery do Couto e Silva* (1911-1987) fundou e dirigiu o tristemente famoso Serviço Nacional de Informações da ditadura militar e foi uma figura de primeiro plano na formulação e na aplicação da geopolítica à realidade brasileira, na qual seguiu inicialmente os esquemas traçados nos anos Trinta por Mário Travassos. A obra que o divulgou foi um manual de estratégia, e a elaboração da sua construção geopolítica do Brasil revela esta origem<sup>35</sup>. Seu esboço do Brasil futuro levava em consideração não tanto as fronteiras internacionais existentes, mas sim a heterogeneidade das diversas zonas brasileiras e a necessidade de garantir as fronteiras nacionais. Suas cinco "zonas operativas"

---

<sup>33</sup> Carlos de Meira MATTOS, *Uma geopolítica pan-amazônica*, José Olympio, Rio de Janeiro 1980, p. 119-139 (corresponde ao capítulo: *O Pacto Amazônico e sua articulação com o Pacto Andino*). Mas também: Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1980, 215 p., que não pude consultar.

<sup>34</sup> Carlos de Meira MATTOS, *Brasil: Geopolítica e destino*, José Olympio, Rio de Janeiro 1979, XV-151 p. (2ª ed.); *Geopolítica e Trópicos*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1984, 157 p. Cfr. também Moniz BANDEIRA, *O expansionismo brasileiro: o papel do Brasil na Bacia da Prata da colonização ao Império*, Philobiblion, Rio de Janeiro 1985, 311 p.

<sup>35</sup> Golbery do Couto e SILVA, *Planejamento estratégico*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1955; reimpresso pela Editora da Universidade de Brasília, Brasília 1981, 536 p.

cobrem, assim, não somente o Brasil, mas a inteira América do Sul.

O “coração” da futura conformação continental era a zona que reagrupava os ricos territórios do Sul (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e o Rio Grande do Sul, a terra natal de Couto e Silva): a “área central de manobra”.

Este rico Sudeste era, ainda, contornado por três “penínsulas”: o Nordeste tropical, o Sul e o Centro-Oeste de clima temperado. Dentre tais “penínsulas”, o Nordeste permanece inteiramente interno ao Brasil; ao invés, as outras áreas, na visão de Couto e Silva, eram estendidas até incluir também os outros Estados sul-americanos. Assim, a área “Sul” incluía para ele também a Argentina, o Uruguai, o Chile e uma parte do Paraguai (denominada “Área Platino-Patagônica”), enquanto a área “Centro-Oeste” estendia-se sobre o restante do Paraguai e sobre a Bolívia (e tomava o nome de “Área do escudo central”, *shield*).

A quinta zona era a “Área da Amazônia”, que teria como centro Manaus, mas que estaria destinada a estender-se a todos os outros Estados andinos e costeiros da parte setentrional da América do Sul (terminando, assim, por coincidir mais ou menos com a hispânica e colonial Nova Granada).

Esse grandioso projeto – que certamente não entusiasmava os países limítrofes – correspondia, porém, exatamente às concepções políticas européias dos anos Trinta, quando Carl Schmitt teorizara a aglomeração dos Estados nacionais em “grandes espaços”, sob a guia de um Estado hegemônico.

Partindo destas cinco áreas, Golbery de Couto e Silva indicava os quatro “passos operativos” que levariam o Brasil a dominar pacificamente o continente sul-

americano. Inicialmente, era necessário consolidar o próprio Brasil. Assim, as “penínsulas” do Sul e do Nordeste deviam ser integradas na “área de manobra”(o rico Sudeste), através do desenvolvimento econômico e das vias de comunicação que um tal projeto exige. As áreas de confins, através da criação dos territórios federais, deveriam ser confiadas aos militares, que nelas teriam criado pólos de desenvolvimento para garantir-lhes os laços com o restante do Brasil. O planalto central devia ser, por uma lado, colonizado a partir da área central e, por outro, unido à “ilha” amazônica por uma ligação viária que consolidasse aquele território no Estado brasileiro.

Tal visão geopolítica traduziu-se em obras concretas. As duas mais famosas são a transferência da capital da costa para o planalto central (ou seja, do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960<sup>36</sup>) e a construção da estrada Transamazônica, que transformou de modo irreversível a região.

Depois do golpe de Estado de 1964, os escritos de Golbery de Couto e Silva caracterizaram-se pelo anticomunismo (estimulado pela então recente revolução cubana) e pela atenção respeito aos problemas da segurança nacional<sup>37</sup>. Mas ainda hoje seu pensamento

---

<sup>36</sup> A exigência geopolítica de deslocar o baricentro do Brasil para o interior remonta ao momento da independência e era asserida já no art. 3º da constituição de 1891. A decisão oficial foi tomada em 1956 e a nova capital foi inaugurada em 21 de abril de 1960. À geopolítica acrescenta-se o argumento místico da profecia do beato Giovanni Bosco: Cosimo SEMERARO (a cura di), *Don Bosco e Brasilia. Profecia, realtà sociale e diritto*, Cedam, Padova 1990, 281 p.

<sup>37</sup> Golbery do Couto e SILVA, *Conjuntura política nacional. O poder Executivo e geopolítica no Brasil*, José Olympio, Rio de Janeiro 1980 (3ª ed. 1981, XIV-37-273 p.). Sua obra mais famosa, na qual resume seu



continua a suscitar interesse. Em 2003, suas obras foram reunidas num amplo volume<sup>38</sup>, juntamente com alguns seus escritos inéditos que tiveram um forte impacto na vida brasileira: todavia, convém contentar-se com essa menção, porque o exame de tais inéditos imporá, a esta altura, a passagem da geopolítica à história política contemporânea.

#### **4 - A geopolítica entre descrição e avaliação**

Hoje, a geopolítica pode ser considerada como a metafísica do nacionalsocialismo apenas sob o ponto de vista histórico, enquanto no pós-guerra muitos estudos científicos reabilitaram-na. Em muitos casos, ela voltou a ser uma geografia do mundo como é, e não do mundo como deveria ser. O historiador espanhol Vicens Vives viveu as duas esferas da geopolítica, vez que escreveu um livro sobre tal assunto em 1940<sup>39</sup> e retomou os estudos criticamente em 1950, escrevendo no prefácio ao último volume: "La Geopolítica, que interpreta el pasado geográfico e histórico para justificar la actualidad, adolecerá siempre del inminente peligro de caer sojuzgada bajo la presión de un régimen totalitario triunfante"; ao invés, diante dos fatos, sua tarefa é: "Comprender, no

---

pensamento é *Geopolítica do Brasil*, José Olympio, Rio de Janeiro 1967, XIV-275 p. (2ª ed.).

<sup>38</sup> Golbery do Couto e SILVA, *Geopolítica e poder*, UniverCidade, Rio de Janeiro 2003, XVI-633 p.: além dos inéditos, o volume contém *Planejamento estratégico* (1955) e *Geopolítica do Brasil*, citado na nota anterior.

<sup>39</sup> Jaime VICENS VIVES, *España. Geopolítica del Estado y del Imperio*, Editorial Yunque, Barcelona 1940, 215 p.

justificar; hacerlos asequibles, por tanto, a una posible ordenación y sistematización, invulnerable a los caprichos de los publicistas extrauniversitarios"<sup>40</sup>.

Porém, a geopolítica é caracterizada por uma forte carga interpretativa da realidade socioespacial e, assim, suas pesquisas tendem a escorregar ao longo do plano inclinado, no qual a *geo-política* transforma-se gradualmente em *geo-política*; ou seja, no qual se passa do ser ao dever ser, da geografia descritiva à geografia prescritiva, da representação do mundo como é à prefiguração do mundo como deveria ser.

Por isso, também em tempos recentes e também na América do Sul, a geopolítica promove uma certa visão da sociedade futura, usando o dado geográfico como um argumento a favor dessa mesma visão. Por exemplo, o argentino Norberto Ceresole precisa querer uma "geopolítica", e não uma "geografía política", porque a ele interessa não a descrição da realidade, "sino también (y sobre todo) la liberación de la voluntad de transformarla. Porque no es sólo interpretación académica lo que queremos, sino transformación del mundo"; esta "filosofía da ação e da esperança" remete-se ao "Prinzip Hoffnung" de Ernst Bloch<sup>41</sup>. Para Ceresole, o espaço interessa, então, como categoria social, como estrutura de poder, e não como dado físico-natural. Afirmações como esta abrem controvérsias até mesmo ásperas sobre a natureza da

---

<sup>40</sup> Jaime VICENS VIVES, *Tratado general de geopolítica*, segunda edición, Universidad de Barcelona - Teide, Barcelona 1956, p. 8.

<sup>41</sup> Norberto CERESOLE, *Argentina: sobre transiciones y decadencias. Cinco ensayos geopolíticos para la re-interpretación de la realidad argentina*, Prensa y Ediciones Iberoamericanas, Madrid; Buenos Aires 1987, p. 51.

geopolítica, na qual se debate se a geopolítica "verdadeira" seja somente aquela descritiva, ou ainda se, e até que ponto, possa a geopolítica ser também prescritiva; e cada livro sobre o assunto oferece uma sua definição de geopolítica que se coloca entre estes dois pólos<sup>42</sup>.

A mim, como observador externo, esta propensão da geopolítica para tornar-se *instrumentum regni* – do reino presente ou do reino que virá, é indiferente – parece ínsita na natureza mesma da geopolítica. Tanto diante das fronteiras resultantes da Primeira guerra mundial, quanto defronte à globalização e ao controle monopolista dos recursos econômicos – para citar apenas dois exemplos – é difícil permanecer weberianamente neutral; é mais fácil, e muitas vezes é quase inevitável, afirmar que a situação presente é injusta, e indicar qual poderia ser o projeto (geo)político para corrigi-la. No plano inclinado que vai da geopolítica descritiva àquela prescritiva, são possíveis muitas nuances. Nas páginas anteriores foram vistas sobretudo as geopolíticas de direita; mas existem também aquelas de esquerda, sobre as quais não foi possível falar. No continente que gerou uma teologia da liberação, existe o espaço, e, mais ainda, existe a necessidade também de uma geopolítica da liberação<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Um elenco pode ser visto, por exemplo, na abertura do volume do general Juan Enrique GUGLIAMELLI, *Geopolítica del Cono Sur*, El Cid, Buenos Aires 1979, 268 p.

<sup>43</sup> *Geopolítica de la liberación* é exatamente o título de um outro livro de Norberto Ceresole.

**With the due permission: juridical culture, school tradition and affirmative actions in process**

ABSTRACT. This work deals with the affirmative actions from the juridical culture and school tradition. One takes for granted that significant changes are taking place within the juridical and educational fields. However, a tough cultural fight is noticed aiming at space and symbolic capital about the access to high education in Brazil. In the perspective of human rights, one of the possible conclusions would be that, after a long time, Brazilian university could become a decent and fair social place.

**Keywords:** Affirmative actions. Juridical culture. School tradition.

## 5 - Referências

BACKHEUSER, Everardo. *Problemas do Brasil: estrutura geopolítica, o espaço*. Rio de Janeiro: Omnia, 1933. 173 p.

\_\_\_\_\_. *Curso de geopolítica geral e do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952. 275 p.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *Le Brésil méridional. Étude économique sur les États du Sud*. Paris, Rio de Janeiro: Desfosses, 1910. 529 p.

CASTELO BRANCO, Lúcio. *Staat, Raum und Macht in Brasilien. Anmerkungen zu Genese und Struktur der brasilianischen Staats- und Großmachtideologie*. München: Finck, 1983. 552 p.

COSTA, Sergio Corrêa da. *Crônica de uma guerra secreta. Nazismo na América: A conexão argentina*. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 2004. 530 p.

KJELLÉN, Rudolf; HAUSHOFER, Karl. *Macht und Erde*. Leipzig, Berlin: Teubner, 1930-34. 3v.

LOSANO, Mario. La geopolítica nacionalsocialista e il diritto dei "grandi spazi". *Materiali per una storia della cultura giuridica*, v. XXXV, n. 1, p. 5-63, 2005.

\_\_\_\_\_. Um recente livro brasileiro sobre as tensões entre Brasil e Argentina na época das ditaduras européias. *Política Externa*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 71-81, mar./maio 2005.

MATTOS, Carlos de Meira. *A geopolítica e as projeções do poder*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. 147 p.

\_\_\_\_\_. *Brasil. Geopolítica e destino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. XVII-109 p.

RATZEL, Friedrich. *Politische Geographie, oder die Geographie der Staaten, des Verkehrs und des Krieges*. München: Oldenbourg, 1903. XVIII-838 p.

SILVA, Golbery do Couto e. *Geopolítica e poder*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003. XVI-633 p.

STEPAN, Alfred C. *The military in politics. Changing patterns in Brazil*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 1971. 176 p.

TRAVASSOS, Mário. *Projeção continental do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. 206 p.